

ÉDIPO E JOCASTA: O MATRIMÓNIO DISFÓRICO

Luís Oliveira e Silva

Ao casar com Jocasta, Édipo sabia que Jocasta era Jocasta, mas não sabia, ao casar com Jocasta, que Jocasta era a sua mãe. «Si a él le hubieran hecho la pregunta ‘Deseas casarte con Yocasta?’, su respuesta hubiera sido un tajante asentimiento. Pero sucedía, trágicamente, que Edipo desconocía el hecho de que Yocasta era su madre. Seguramente que, si se le hubiera hecho la pregunta ‘¿Deseas casarte con tu madre?, habría descartado con horror esa posibilidad» (García Suárez 1997: 251). Como é que a sua mulher podia ser a sua mãe? Em 1996, Donnellan distingue a descrição definida que tem valor referencial da que tem valor atributivo: «Now if there are two uses of definite descriptions, it may be that the truth value is affected differently in each case by the falsity of the presupposition or implication» (1991: 53). Pode-se dizer /O assassino do Silva é tarado/ sem que se saiba quem é /O assassino do Silva/, estando só em contacto com um “assassino do Silva” funcional ainda não identificado, ainda não individuado. Neste caso, o uso da descrição definida tem talante atributivo. Édipo sabe perfeitamente que houve um “assassino de Laio”, funcional e não identificado. Virá a descobrir, tragicamente, que ele mesmo, Édipo, é o assassino referencial de Laio. Donnellan escreve:

A speaker who uses a definite description attributively in an assertion states something about whoever or whatever is the so-and-so. A speaker who uses a definite description referentially in an assertion, on the other hand, uses the description to enable his audience to pick out whom or what he is talking about and states something about that person or thing (1991: 54).

Na normalidade existencial do Édipo eufórico, anterior à *anagnōrisis*, as descrições definidas ajustam-se (*fit*) convenientemente a objectos e estados-de-coisas aparentemente estáveis «Mulher de Édipo» convém perfeitamente a Jocasta. «Mãe de Édipo» não lhe convém. Mas, se o Oráculo o tinha advertido seriamente de que iria casar com sua mãe, não devia Édipo ter tratado de explorar mais a fundo a identidade da mulher com quem se casava? «Although virtuous, Oedipus was however an exceedingly heedless man. Since he had consulted the oracle only because he was unsure of his parentage, he could, if completely rational, also have taken care, to avoid the terrible future prophesied, never to kill any man old enough to be his father and never to mate with any woman clearly older than himself» (Grebanier 1967: 34). «Mãe de Édipo» e «mulher de Édipo» são duas descrições definidas que, surpreendentemente, atendem ao mesmo atrator referencial. A excessiva divergência de sentido, encerrada em dois «modos de dar-se» incompatíveis, não obsta a que partilhem a mesma referencialidade. Mas uma descrição definida nunca pode alterar substancialmente a referência. Referencialmente, a Jocasta que é «a mulher de Édipo» continua a ser a mesma Jocasta que é «a mãe de Édipo», mas a sua opacidade referencial impossibilita a diferenciação dos dois sentidos. Os sentidos só divergem devido a descrições definidas incompatíveis, mas uma das descrições pertinentes é desconhecida. Talvez, se quisermos atribuir capacidade de formalização denotativa a certas qualidades, tenhamos que aceitar propriedades capazes de alterar a substância: propriedades substanciais. Se «a mãe de Édipo» não pode ser, de acordo com a lógica cultural vigente, tão ou mais imperativa que a lógica formal, «a mulher de Édipo», isto quer dizer que a Jocasta que é «a mulher de Édipo» não pode ser a mesma Jocasta que é «a mãe de Édipo», apesar de uma evidente homo-referencialidade, já que a identidade referencial não garante a identidade funcional. O princípio de identidade, sancionado referencialmente, é prejudicado pela incompatibilidade das descrições definidas a que o mesmo argumento é submetido. Culturalmente, as duas funções excluem-se. A emergência de um proibitivo sentido inesperado, alojado numa imprevista descrição definida, compromete a estabilidade semântica do referente. Numa perspectiva fregeana, o sentido (*Sinn*) de uma expressão referencial oferece um modo de apresentação do seu referente, «um modo de dar-se». No texto alemão original, Frege refere-se ao «modo de dar-se do designado» («der Art des Gegebenseins des Bezeichneten») (*apud* Gil 1971: 60). Ao dizer *Morgenstern* = *Abendstern* estou a proporcionar informação astronómica, e não apenas informação sobre o uso simetricamente comutável, graças à sua coincidência referencial, dos dois nomes. A referência é a mesma: os sentidos

são diferentes. O sentido corrói a relação lógica de identidade, já que a identidade referencial não garante a identidade funcional. A intervenção do sentido compromete a sinonímia, como Quine, em 1960, trata de provar com o seu *gavagai*, que exige uma «tradução radical» (1979: 26 ss.). Jocasta¹ («a mulher de Édipo») não é o equivalente estrito de Jocasta² («a mãe de Édipo»), já que não têm estritamente o mesmo significado, embora tenham o mesmo suporte referencial e atendam, homonimicamente, ao mesmo Nome Próprio, ao mesmo designador rígido, que neste caso parece ser bastante flexível. Jocasta apresenta-se como um nome próprio ambíguo. O sentido apresenta-se como uma distensão qualitativa da referência que ameaça, até certo ponto, a estabilidade referencial. Ao derreter-se, perdendo a sua forma, continua o “morceau de cire” cartesiano (1979: 83-84) a ser o mesmo “morceau de cire”? A descrição definida inesperada, que compromete as expectativas assumidas, ameaça a estabilidade significativa do Nome Próprio. A descrição definida encoberta implica a transgressão. A descrição definida inovadora, tendo em conta que a estrita definição do *concretum* é impossível, nem sempre está de acordo com a descrição vigente, ampliando e complicando, em certo modo, o princípio de identidade reflexiva. A descrição só preenche parcialmente a programação do referente. A descrição definida desatendida vem contrariar o repertório de descrições definidas sancionadas, provocando uma inabilitação referencial. Sendo a sua mulher e mãe dos seus filhos, sobretudo «mãe dos seus filhos» – «A croire que si l’inceste était resté stérile il n’y aurait eu ni «délit» ni souillure», escreve Maria Daraki (1994: 135) –, Jocasta não “pode”, não deve ser a mãe de Édipo. Jocasta não pode ser o que é, embora o seja. E, para ser o que é, tem que ser o *locus* de uma contradição. Mas Édipo não sabia, ao casar festivamente com Jocasta, que Jocasta era a sua mãe. A inacessibilidade imediata de uma descrição definida pode transformar-se, a médio ou longo prazo, em acessibilidade. O *eu* de Édipo acaba por se referir a um *ele*, ao transferir para o filho de Laio e de Jocasta, que Édipo apreende como um *ele*, a identidade do filho de Pólibo e de Mérope, que é, para *ele*, um *eu* e um *mim*, sendo na verdade um *ele* fictivo. Depois da *anagnórisis*, o *eu* que veiculava o filho de Pólibo e de Mérope passa a ser um *ele* e o *ele* que veiculava o filho de Laio e de Jocasta, que era um *ele*, passa a ser um *eu*. Édipo reencontra-se-o, reencontra-se em outro, num *outro* que acaba por ser ele mesmo. Não há problema filosófico mais abstruso que o da persistência da identidade ao longo do tempo, porque a narrativização da identidade admite mais de uma *mise en intrigue* pertinente. Entre o significante e o significado produz-se um corte. «Cette coupure de la chaîne signifiante est seule à vérifier la structure du sujet comme disconti-

nuité dans le réel» (Lacan 1966: 801). Atentemos no angustiante monólogo de Alice:

“Dear, dear! How queer everything is today! And yesterday things went on just as usual. I wonder if I’ve been changed in the night? Let me think: *was* I the same when I got up this morning? I almost think I can remember feeling a little different. But if I’m not the same, the next question is, ‘Who in the world am I’ Ah, that’s the great puzzle” (Carroll 1974: 37).

Em Édipo o problema agrava-se. A personalidade de Édipo modifica-se completamente através de uma transfusão identitária que transforma a exterioridade em intimidade. Ao activar a memória, Édipo não pode recordar-se de si mesmo na qualidade de assassino de Laio. «Oedipus was thinking about Oedipus, that is to say, himself, when he thought that the slayer of Laius should be killed; but Oedipus was not thinking about himself ‘self-consciously’ ... because he did not realize that he was the slayer of Laius» (Evans 2000: 206). A alobiografia, inacessível à memória, vem alterar o âmbito autobiográfico da intimidade assumida. Édipo não tem verdadeiro conhecimento *de se*. A maior parte dos especialistas considera que a memória veicula verdadeiro conhecimento *de re*, conhecimento *de re* diferido. Mas, mediante a utilização da memória, Édipo não pode lembrar-se de si mesmo na qualidade de filho de Laio, já que essa relação não se constitui em determinação empírica consciente da sua identidade.

A autoconsciência exige o contacto com descrições definidas. Eu não sei, ao engolir o *croûton* que acompanha o creme de ervilhas, que o *croûton* é uma mosca. Se não identificar o *croûton* com a mosca, o almoço continuará a ser uma festa. O almoço é uma festa até ao momento em que tenho consciência de ter engolido uma mosca em vez de um *croûton*. E a minha vida pode ser uma festa até ao momento em que venho a saber que estou casado com a minha mãe, que é a mãe dos meus filhos, que por sua vez são meus irmãos, e que, ainda por cima, matei o meu próprio pai. Quando chego a estas tristes conclusões fico mal disposto, levanto-me, protesto, vou à casa de banho, fico à beira de um ataque de nervos, vomito. Estão a estragar-me a festa. E o almoço. Ao saber que o *croûton* é uma mosca, peço o livro de reclamações e talvez possa, melhorando a performance de Alvaro de Campos, abandonar, sem pagar a conta, o restaurante «fora do espaço e do tempo» (o *restaurante-em-si* kantiano) em que tudo isto não se está a dar. Posso ter ingerido o *croûton* sem saber que ingeri a mosca, tendo ingerido a mosca e não o *croûton*, embora «fora do espaço e do tempo», na integração e iluminação místicas, a mosca e o *croûton* se possam identificar plenamente

numa relação indissolúvel de densidade, se não de identidade. Se ingerir a mosca pensando que é o verosímil *croûton*, em identificação funcional, acabarei por pensar que ingeri o *croûton* e não a mosca, embora tenha ingerido a mosca substancial, cuidando que é um *croûton*. Poupo-me, pelo menos, à enfadonha e enjoativa digressão intertextual e ao corte de relações com o restaurante onde tudo isto se deu sem nunca ter chegado a dar-se. Talvez Álvaro de Campos (Pessoa 1969: 418) tenha mais razão que um santo ao afirmar que nem sequer num restaurante se pode ter razão, mesmo quando te dão o amor como dobrada fria – «e era à moda do Porto» – e moscas em vez de *croûtons*. Ou quando, de repente, te dizem que a tua mãe é a tua mulher e a mãe dos teus filhos.

Édipo, na realização do seu programa eufórico, casa-se com Jocasta. O casamento é uma festa. Depois de ter resolvido o enigma que lhe propõe a Esfinge, Édipo é coroado Rei de Tebas e casa-se com Jocasta. Com uma descrição definida dominante de Jocasta: «um bom partido». Casa-se, na realização de um projecto eufórico (meio caminho andado em direcção à *hybris*) com uma mulher concreta, euforicamente descrita, e também com o sujeito de uma descrição definida disfórica, contingente e tragicamente inibitória, que desconhece, com o argumento de uma predicação funcional (e substancial) ignorada, na qual o sentido assume competência argumental. Não é Jocasta, cuja opacidade referencial não foi bem resolvida, a razão da inquietude de Édipo: é o predicado disfórico, inesperado e surpreendente, a que se vê subitamente sujeita. É o facto criptobiográfico, tardiamente conhecido, de que Jocasta é a sua mãe. Édipo é afectado por uma inverosímil função imprevista de Jocasta, por *uma* Jocasta que se actualiza num mundo possível impensado, se não impensável, e que vem afectar, actualizando uma variável descritiva imprevista, a identidade do próprio Édipo. Na *anagnōrisis* há uma mutação (*metabolē*) da ignorância (*ex agnoías*) ao conhecimento (*eis gnōsin*) que implica a transição da dita (*eutykhía*) à desdita (*dystykhía*). A tragédia inabilita perpetuamente a festa. A *anagnōrisis*, operador trágico de irreversibilidade, condena perpetuamente à infelicidade. Édipo julga estar plenamente familiarizado com o complexo descritivo que constitui Jocasta, mas ignora a mais relevante (e revelante) das suas descrições definidas discordantes: /Jocasta é a mãe de Édipo/. Jocasta, sendo a sua mulher, é a sua própria mãe. A Jocasta eufórica não é a Jocasta disfórica. A discordância culturalmente logicizada, a consciência da incompatibilidade entre “mãe” e “mulher”, expande-se por todos os habitantes de Tebas. É parte do seu código, da sua Enciclopédia. A infelicidade de Édipo não tem carácter privado: é colectiva. Édipo vai ser destruído por uma predicação funcional incompatí-

vel com a configuração culturalmente aceitável, individual e colectiva, da sua identidade e da identidade de Jocasta. Édipo é vítima de uma impertinência relacional. A tragédia de Édipo nasce de uma incompatibilidade predicativa e não de uma incompatibilidade referencial, embora a *anagnōrisis* venha alterar o valor descritivo da referência, já que revela a sua parcial opacidade. A multiplicidade incompatível de relações que unem Édipo a Jocasta não respeita o sistema de orto-relações que formalizam o texto do mundo, embora essa formalização seja um produto aleatório de instrumentos de socialização convencionais e contingentes. É a função, e não o argumento, o que vai destabilizar a sua vida. Se Édipo tivesse enveredado pela suspensão do juízo, pela *epokhē*, teria suspenso o desenrolar da tragédia. O aparecimento de um sentido inibitório – antes da *anagnōrisis* Édipo era feliz e a sua vida era uma festa – ameaça a satisfatória e imutável identidade denotativa de Jocasta. Jocasta é aquele pedaço insignificante de espaço-tempo. O problema não é Jocasta, designador rígido que continua a garantir uma referencialidade estável, mas uma função ignorada de Jocasta, uma inesperada e disfórica descrição definida de Jocasta que o faz mergulhar inscientemente na mais odiosa das relações: o incesto. Em Atenas, e só em Atenas, a religião dionisiaca veio fecundar a tragédia. O incesto corresponde a uma vocação dionisiaca. «La vocation de Dionysos pour l' «inceste» est en quelque sorte congénitale. Sous le nom de Dionysos *Zagreus*, il est issu d'un dieu-serpent, Zeus, qui emprunte cette forme pour s'unir à la propre fille Perséphone. (...) Déméter la Mère eut Perséphone en s'unissant à son frère, Zeus. Perséphone eut Dionysos *Zagreus*, en s'unissant à son père, Zeus, à nouveau» (Daraki 1994: 132-33).

A cerimónia solene do casamento de Édipo, contrato e acto religioso e cívico – festa, numa palavra –, encerra em si a transgressão. A Jocasta trágica não é mais que um sentido de Jocasta. Mas é um sentido que vai infectar completamente Jocasta, comprometendo, em certo modo, a sua estabilidade referencial. A poluição (*miasma*) – o *piaculum* latino – incestuosa, que se vem juntar à revelação do insciente parricídio, advém de descrições definidas ignoradas. A *anagnōrisis* vem inabilitar uma descrição definida até agora válida: /Jocasta é a legítima mulher de Édipo/. Culturalmente, “mãe” e “mulher legítima” são incompatíveis. O movimento da tragédia nasce desta conflituosidade descritivo-funcional na qual todos os intervenientes sofrem. A vida de Édipo é destruída por uma propriedade contingente discordante que afecta uma multiplicidade de identidades e ameaça, ao subverter o código relacional vigente, a convenção cultural naturalizada, sem por isso lhe ser logicamente contrária. «Mãe» (*mater*) e «mulher» (*uxor*), sendo contextual-

mente incompatíveis, não são os pólos de uma relação logicamente contrária ou contraditória – «certaines formules lévi-straussiennes ... semblaient définir le mythe comme un effort pour trouver une médiation entre des termes contradictoires» (Detienne 1998: 20). Biologicamente, a “mãe” de Édipo pode parir os seus filhos; culturalmente, não, embora os tenha parido. Como já queria Aristóteles, enquanto uma qualidade tem um contrário, uma substância não o tem. A incompatibilidade cultural, que não pode ser formulada aprioristicamente, não é a contradição lógica. Jocasta não pode ter um contrário, sobretudo quando este contrário se assume, redundantemente, como a própria Jocasta. Não é Jocasta que se opõe a Jocasta, porque 1 não se pode desmembrar em 2. É um sentido de Jocasta que se opõe a outro sentido de Jocasta. A tragédia de Édipo nasce da colisão de duas descrições definidas inconciliáveis que aderem a um mesmo suporte argumental, o que nos é dado pelo designador rígido opaco, insuficientemente formalizado, que o veicula: /Jocasta/.

A convenção social estabelece entre os termos relações de exclusividade distributiva. A Natureza, não. Os cães fornicam impunemente as suas mães. O facto de uma mulher se casar com um homem não invalida a possibilidade biológica de o ter parido, além de poder parir os seus filhos, que também serão os seus netos. Até certo ponto, poder-se-á dizer que a alteração funcional do argumento, a aparição de um sentido surpreendente e imprevisto, compromete a estabilidade referencial do objecto, o seu valor semântico. /Jocasta é a mulher de Édipo/ é um enunciado verdadeiro que, sem ser anulado, tem de conviver, numa trágica *discordia concors* de carácter cultural – os Cínicos, que não tinham pejo em praticar o incesto, teriam superado facilmente o problema, neutralizando a oposição *phýsis / nómos* –, com /Jocasta é a mãe de Édipo/. Se, antes do momento da crise, alguém tivesse procurado em Tebas a mãe de Édipo, nunca a teria encontrado. Não se pode verificar uma descrição definida que, aparentemente, não conta com sustentáculo referencial. Mas também não se pode identificar um argumento se, pelo menos, não se tiver dele uma descrição definida que nos proporcione um ou mais sentidos. Fica mais que provado, como queria Russell, que o Nome Próprio não se deve confundir com a descrição definida. A formalização cultural pode incompatibilizar os sentidos. A lógica da acção trata de os compatibilizar ou de os incompatibilizar. Na realidade fáctica, Jocasta é trágica e simultaneamente «mãe» e «mulher» de Édipo. Na tragédia, a acção atenta contra o código cultural naturalizado. A equação não exhibe a dualidade asséptica da *Morgenstern* e da *Abendstern* fregeanas. O sentido, em Frege, não se compromete com a ética. Agora em Sófocles, submetida a uma

dominante ética, condicionada pelo determinismo do fado (*eimarmenē*) e pela contingência aleatória do acaso ou azar (*tykhē*), temperados por uma dose abundante de *hamartía*, a diversidade de sentidos é um operador trágico. Há-de sobressair sempre a *tragic flaw* (*hamartía*) do protagonista. «The hero of a tragedy ... never falls only because of circumstances, Fate, or Destiny, but chiefly through some species of personal ethical blindness» (Grebner 1967: 33). A *atē* (ofuscação) leva à *hýbris* (insolência, desmesura) e implica a *némesis* (castigo). Há uma esquematização obrigatória do comportamento e dos seus efeitos e consequências. Há um Édipo que tem boa consciência e há um Édipo, que lhe é posterior, que tem consciência de ter incorrido em *hýbris*, embora, antes da *anagnōrisis*, Édipo não pudesse identificar-se com ele. A dualidade incompatível de sentidos, embora se constitua em incompatibilidade formalizada cultural e convencionalmente mais do que em contrariedade estritamente lógica, compromete a estabilidade referencial do argumento. Antes da *anagnōrisis*, Édipo cria firmemente que «A mãe de Édipo» e «A mulher de Édipo» eram descrições definidas que obedeciam a dois referentes diversos, nomeadamente Mérope e Jocasta. Acaba por descobrir, tragicamente, que as duas descrições apontam para o mesmo referente. E que também apontam para ele mesmo, na sua recém-adquirida dualidade esquizofrénica. A mutabilidade de Jocasta, já que a identidade tragicamente divergente das duas descrições definidas de Jocasta vem perturbar a referência que lhes é comum, afecta-o directamente. Sendo a mesma, de acordo com o princípio de identidade, que é uma relação reflexiva lógica e ontologicamente necessária, Jocasta não é a mesma mulher: é o *locus* de uma trágica disparidade funcional. De uma disparidade funcional que se existencializa e acaba por revelar-se tragicamente. Colidem agora duas versões incompatíveis de Édipo, infectadas por duas versões incompatíveis de Jocasta. «On the other hand, the action of *Oedipus* is almost completely explicable in terms of the single character of Oedipus; for he is not only the protagonist of the complex plot but also the antagonist» (P. Goodman 1964: 30). Édipo entra em luta consigo mesmo, incorporando uma parte de si que desconhecia e vem alterar a planificação económica da sua personalidade. Agora há duas Jocastas, há duas descrições definidas inconciliáveis de Jocasta. E duas versões incoadunáveis de Laio. E duas variáveis incompatíveis de Édipo. A alteração de uma personagem infecta todas as outras. Agora «mãe de Édipo» e «mulher de Édipo», meras funções, tornam-se mais importantes que /Jocasta/, que é um designador rígido carente de significado. Embora tenham a mesma referência factual, «a mulher de Édipo» e «a mãe de Édipo» não são descrições definidas substituíveis *salva veritate* em todos os contextos.

Entre a nova predicação e a anterior estabilidade pragmática aloja-se a transgressão, que, dado o seu carácter de violação involuntária e inintencional do sagrado através do erro (*hamartía*) – a *tragic flaw* dos ingleses –, serve de fundamento ao *phóbos* trágico e vem despertar a compaixão (*éleos*) do espectador. O erro (*hamartía*) é indispensável. O homem perfeito não pode ser sujeito de tragédia. «If ... a wholly virtuous man were brought from prosperity to adversity, there would be no material for a tragedy» (Grant 1986: 198). A morte de Cristo, totalmente injustificada, é simplesmente chocante. Sendo intensamente patética, não chega a ser trágica. O homem não fez nada para merecer aquilo.

Édipo não premeditou nem o parricídio nem o incesto, mas a sua inintencionalidade, de acordo com a concepção helénica da responsabilidade, não o exime de culpa patética. «Oedipus a victim of Fate would not be a tragic Oedipus, only a pathetic one» (Grebanier 1967: 34). O erro (*hamartía*), que, empurrado pelas brisas órficas que sopram do Oriente, começa a avultar também como pecado, não é intencional, mas a sua inintencionalidade não o redime. Mas a ignorância, contrariamente ao que acontece no direito romano, que tem em conta a intencionalidade – «Non est actus reus nisi mens sit rea» –, não exime da culpa. De acordo com a ética racionalista helénica, o erro é o produto de um conhecimento deficiente. É a ignorância (*amathía*) o que nos leva a errar. Tanto mais que, sendo um homem relativamente virtuoso – Édipo montava facilmente em ira e tinha uma inclinação para matar velhinhos impacientes e irascíveis nas encruzilhadas –, Édipo também foi um homem muito desatento. A sua ofuscação (*atē*) nunca o deixou prestar atenção a certos indícios. Só os Cínicos, mais tarde, tratando de neutralizar a oposição entre *phýsis* (natureza) e *nómos* (convenção), tratarão de demonstrar que o incesto não é mais do que uma convenção naturalizada que, numa vida vivida de acordo com a natureza (*phýsei*), pode ser perfeitamente superada e admitida. Mas Sófocles não se pode antecipar à história. Sófocles concebe o incesto de acordo com uma estimativa regida por «*rappports de parenté sur-estimés*» (Lévi-Strauss 1958: 237). A tragédia traduz sempre a competência disciplinadora da *némesis* perante a insolência (*hýbris*) e a cegueira de espírito, a ofuscação (*atē*). A tragédia, ao diminuir o ser humano, engrandece-o. Édipo sabe que se casa com Jocasta, mas ignora que se está casar com *outra* Jocasta funcionalmente diversa, embora idêntica referencialmente, e apesar disso substancial e ameaçadoramente diferente. Um sentido contingente tem agora eficácia transsubstancializadora. Édipo ignora que se está a casar com a sua mãe, embora nome próprio e descrição definida sejam, extensionalmente, – a sinonímia entre dois sentidos é impossível,

porque os sentidos não admitem designadores rígidos – sinónimos referenciais absolutos, já que tanto «a mulher de Édipo» quanto «a mãe de Édipo» são descrições definidas pertinentes de Jocasta. Édipo não cuidou os seus critérios de substituíbilidade. /Édipo é filho de Jocasta e está casado com Jocasta/. O valor veritativo-referencial de /Jocasta/, quer ela seja «a mãe de Édipo», quer a «a mulher de Édipo», uma vez operada a substituição, continua a ser o mesmo. Jocasta é sempre (a mesma?) Jocasta, quer seja «a mulher de Édipo», quer «a mãe de Édipo». Mas como a proposição está situada num contexto governado por um verbo psicológico («crer») que determina uma atitude proposicional específica, os dois termos podem ter o mesmo valor denotativo, sem que por isso sejam intercambiáveis em todos os contextos. Casado com Jocasta¹, Édipo ignora que está casado com Jocasta², com a sua mãe. Filho insciente de Laio, Édipo¹ desconhece que é Édipo², o marido de Jocasta² e o assassino de Laio, seu pai. Levado pela ânsia de justiça e pelo excesso de autoconfiança que o levará à *hybris*, compromete-se a punir, ignorando que se compromete a punir-se a si mesmo, o assassino de Laio: «... por tudo isto irei vingá-lo, e irei a todo o lado procurando capturar o autor do assassinio do filho de Lábdaco, descendente de Polidoro e mais remotamente de Cadmo, filho de Agenor» (*Rei Édipo*, 262 ss.). Para vingar o assassino de Laio, Édipo tem que vingar-se de si mesmo. A *anagnórisis* supõe a ampliação do âmbito da intimidade e da autoconsciência.

As primeiras suspeições de Édipo são levantadas numa festa. «Um homem, num banquete, depois de ter bebido em excesso, chama-me – dominado pelo vinho – filho adoptivo de meu pai» (*Rei Édipo*, vv. 778-80). O excesso festivo desata o determinismo trágico. Uma revelação: o seu pai biológico não é Pólibo. Até que ponto é que a diversidade de sentido afecta a unicidade semântico-referencial. Ao fim ao cabo, ao casar-se com Jocasta, Édipo esta-se a casar com a sua mãe. «Mãe de Édipo» e «mulher de Édipo» são, como diria Frege, dois «modos de dar-se» de Jocasta, da mesma Jocasta referencial. Até que ponto, segundo a terminologia de Hirsch (1978), a significância (*significance*) afecta o significado (*meaning*)? Jocasta, sendo sempre a mesma entidade denotativa, divide-se em «mulher de Édipo» e «mãe de Édipo», duas descrições definidas homo-referenciais culturalmente incompatíveis. Os predicados, na sua eficácia designativa, sendo descrições definidas co-referenciais, serão para Édipo, depois da inevitável *anagnórisis* trágica, discordantemente substituíveis *salva veritate*, tendo em conta que a discordância funcional esconde uma concordância denotativa, já que, embora os dois objectos em questão não partilhem rigorosamente as mesmas propriedades, guardam entre si uma relação de identidade referencial. Tanto «a mulher

de Édipo» quanto «a mãe de Édipo» podem servir, indiferentemente, para designar funcionalmente Jocasta, embora a eficácia funcional compartilhada revele sentidos discordantes. A tragédia nasce de uma incompatibilidade de sentidos, que propicia uma ineutralizável incompatibilidade de interpretações. Enquanto Jocasta é, para Édipo, um autêntico nome próprio, um *designador rígido* de sólida implantação referencial que veicula uma entidade fáctica existencialmente quantificada, «a mãe de Édipo» é, antes da *anagnōrisis*, uma descrição definida, um sentido, um «modo de dar-se» cujo referente ele vincula com Mérope, rainha de Corinto. Ou melhor, Édipo «crê» que a sua mãe é Mérope, rainha de Corinto. Afirmar, depois da *anagnōrisis*, que Édipo se casou com Jocasta, é mudar radicalmente o «modo de dar-se» de /Jocasta/. É afirmar que Édipo se casou com *outra* Jocasta, uma Jocasta diferente da que julgou desposar, embora, na sua quantificação existencial, Jocasta, fiel ao Princípio de Identidade, continue a ser a mesma Jocasta. Podem as propriedades discordantes transformar Jocasta em duas Jocastas diferentes, embora respondam à mesma Jocasta denotativa? A festa é suspensa. O festivo processo eufórico-anagógico de Édipo é interrompido e manifesta uma vocação involutiva. A euforia, ao tombar na *hýbris*, sofre a punição disfórica da *némesis*. Estragou-se a festa. O Restituído de Tebas liberta a cidade do malefício da «inflexível cantora», casa-se com a Rainha, ascende ao trono, tem filhos saudáveis. A sua vida é um percurso permanentemente festivo. Uma série de descrições definidas ignoradas vêm, inopinadamente, transformar a festa em tragédia. Quando se assume plenamente a felicidade, à maneira dos *athánatoi* (imortais), sobrevém a desgraça. A *anagnōrisis* constitui-se em atentado contra a estabilidade referencial. A *anagnōrisis* obriga Édipo a reidentificar-se disforicamente, a interromper o estado festivo em que vive. Referindo-se ao *Rei Édipo* de Sófocles, Jean-Pierre Vernant escreve: «Dans les premiers mots qu'il lui adresse, le prêtre de Zeus fait d'Œdipe en quelque façon l'égal des dieux: *isoúmenos theoisi* (v. 31). Quand l'énigme est résolue, le chœur reconnaît en Œdipe le modèle d'une vie humaine qui, à travers ce paradigme, lui apparaît égal au néant, *isa kai tò mēdén* (vv. 1187-88)» (2001: 30). Afirmar, antes da *anagnōrisis*, que Édipo se casou com Jocasta, é afirmar que Édipo encontrou um bom partido. Fazer a mesma afirmação depois da *anagnōrisis*, é condená-lo à aniquilação. Édipo é uma entidade, minada pela anfibologia, que se oferece em variáveis homónimas contraditórias. O Édipo festivo não é o Édipo disfórico. O núcleo argumental da tragédia é uma predicação funcional inesperada que, anulando a interpretação vigente, se reveste de verdadeiro valor argumental alternativo. Édipo nunca poderá suspeitar, antes da *anagnōrisis*, que ao

casar-se com Jocasta se está a casar com a sua mãe, porque Édipo, ao casar-se com Jocasta, crê que a sua mãe é Mérope, rainha de Corinto. E Édipo não pode, como o filho de Sêmele, nascer de duas mães, sobretudo quando uma delas é a sua mulher e a mãe dos seus filhos. Jocasta só terá sido para ele uma viúva nobre, bela, poderosa, rica, desejável, acessível. Édipo inscreve Jocasta num contexto de atitude proposicional. Édipo «crê» que Jocasta é um bom partido. Mas *crer*, dinamizador do hoje omnipresente *belief*, não é conhecer. A crença não garante a validade epistémica fundada em valores veritativos. A crença não esgota a inabarcável complexidade do singular. A tragédia de Édipo nasce de um conflito de sentidos, de uma incompatibilidade predicativa. Não se trata de uma incompatibilidade lógica. «Mãe de Édipo» não contradita, nem lógica nem biologicamente, «mulher de Édipo», embora incompatibilize culturalmente as duas descrições definidas. A ironia trágica – a *anagnōrīsis* é a transição (*metabolē*) irónica da ignorância ao conhecimento – da atitude proposicional que Édipo adopta provém do desconhecimento da carga descritiva exaustiva do objecto, da sua parcial e comprometedora opacidade, do hiato que se abre entre crença e conhecimento, entre significância e significado, já que Édipo não teve ocasião de explorar devidamente a configuração intensional de Jocasta, embora estivesse plenamente familiarizado com a sua configuração extensional. A fé (*pīstis*) não é nem a razão (*noūs*) nem o entendimento (*diánoia*). A crença, por muito arreigada que esteja no ânimo, não veicula necessariamente a verdade. Édipo fez-se senhor da cidade, mas, ofuscado pela *atē* e desencaminhado pela *hýbris*, deixou latente um foco de resistência. A incompatibilidade de fundo, ao revelar-se, acabará por roubar Tebas a Édipo e Édipo a Tebas. À *hýbris* sucede a *némesis*. Agora dá-se a sublimação informacional da intensionalidade ignorada, se não reprimida. Ninguém aceita facilmente o facto de ser o assassino do seu próprio pai, o amante da sua própria mãe, o irmão de seus filhos, o pai dos seus irmãos. O ingénuo e bem intencionado Édipo, o restituidor de Tebas, há-de descobrir que matou o seu pai, que casou com a sua mãe, que é a causa da pestilência que Apolo lançou sobre a capital da Beócia. O salvador de Tebas vai ser, paradoxalmente, o motor da perdição de Tebas. Não há festa que dure para sempre. E há festas que acabam mal. Do himeneu à tragédia não há largo trecho. «Assim, aos olhos dos mortais, que esperam ver o dia derradeiro, ninguém pareça ser feliz, até ultrapassar o termo da vida isento de dor» (*Rei Édipo*, 1530-31).

Obras citadas

- ARISTÓTELES (1990) *Poética*, tr. de Eudoro de Sousa, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- CARROLL, Lewis (1974) *The Annotated Alice*, ed. by Martin Gardner, Harmondsworth, Penguin
- DARAKI, Maria (1994) *Dionysos et la Déesse Terre*, Paris, Flammarion
- DESCARTES, René (1979) *Méditations Métaphysiques* (1641), Paris, Garnier-Flammarion
- DETIENNE, Marcel (1998) *Dionysos mis à mort* (1977), Paris, Gallimard
- DONNELLAN, Keith S. (1991) "Reference and Definite Descriptions" (1966), in Steven Davis (ed.) *Pragmatics: A Reader*, New York and Oxford, Oxford University Press, pp.52-64 (*Philosophical Review* 75 (1966), pp. 281-304)
- ELIADE, Mircea (1963) *Aspects du mythe*, Paris, Gallimard
- EVANS, Gareth (2000) *The Varieties of Reference*, ed. by John McDowell, Oxford, Clarendon Press
- FREGE, Gottlob (1984) *Estudios sobre Semántica*, tr. de Ulises Moulines, Barcelona, Ariel
- GARCÍA SUÁREZ, Alfonso (1997) *Modos de significar: Una introducción temática a la filosofía del lenguaje*, Madrid, Tecnos
- GIL, Fernando (1971) *La Logique du Nom*, Paris, L'Herne
- GOODMAN, Paul (1964) *The Structure of Literature*, Chicago and London, The University of Chicago Press
- GRANT, Michael (1986) *Myths of the Greeks and Romans*, New York, New American Library-Mentor
- GREBANIER, Bernard (1967) *The Heart of Hamlet*, New York, Crowell
- HIRSCH, Jr., E. D. (1978) *The Aims of Interpretation*, Chicago and London, The University of Chicago Press
- LACAN, Jacques (1966) *Écrits*, Paris, Seuil
- LEVI-STRAUSS, Claude (1958) *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon
- LINSKY, Leonard (1980) *Names and Descriptions* (1977), Chicago and London, The University of Chicago Press,
- MURRAY, Gilbert (1946) *Five States of Greek Religion* (1935), London, Watts
- PESSOA, Fernando (1969) *Obra Poética*, ed. Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro, Aguilar
- QUINE, Willard Van Orman (1979) *Word and Object* (1960), Cambridge, Massachusetts, The M.I.T Press
- SÓFOCLES (1999) *Édipo Rei*, tr. Zambujo Fialho, Lisboa, Edições 70
- VERNANT, Jean-Pierre (2001) "Ambigüité et renversement. Sur la structure énigmatique d' «Édipe-Roi», in Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet *Édipe et ses mythes*, Bruxelles, Editions Complexe, pp. 23-53